# Editorial

A *Revista Internacional de Folkcomunicação* (RIF) tem a satisfação de apresentar nesta edição a segunda parte do dossiê "Estudos de Gênero e Folkcomunicação", que reúne contribuições inéditas e inovadoras sobre as interfaces entre os estudos de gênero e a perspectiva teórica da folkcomunicação. Após a disponibilização da primeira parte do dossiê[1], sob a coordenação das professoras Dra. Valquíria Michela John (Universidade Federal do Paraná), Dra. Ana Maria da Conceição Veloso (Universidade Federal de Pernambuco) e Dra. Karina Janz Woitowicz (Universidade Estadual de Ponta Grossa), a revista traz sete artigos que abordam questões de gênero nas manifestações culturais e midiáticas, revelando diversidade temática e análises críticas sobre os fenômenos investigados.

Para abrir a edição, Yuri Demartini Bernardo discute a utilização de performances musicais e audiovisuais por homens gays pretos na zona Leste de São Paulo como práticas de resistência cultural. Gênero, raça, sexualidade e território se articulam para evidenciar processos de subversão às hegemonias, que se amplificam diante das dinâmicas de circulação digital. O artigo de Jayane Souza e Caroline Colpo, por sua vez, coloca em foco a exclusão social de mulheres gordas e seus impactos nas relações de trabalho na televisão, analisando mudanças sobre o corpo e imposições sociais como resultado do poder exercido contra grupos marginalizados.

A naturalização da violência de gênero nas letras de samba da primeira metade do século XX é tema do artigo de Fábio Sena Santos e José Cláudio Alves de Oliveira. Ao percorrer diversos registros da música popular brasileira (MPB), com base no referencial da folkcomunicação, são evidenciados os valores sociais do período no que se refere à construção do masculino e do feminino.

O tema do letramento digital e a formação tecnológica é desenvolvido no artigo de Pedro Paulo Procópio de Oliveira Santos, Arnott Ramos Caiado, Filipe Sousa Carvalho de Melo e Samantha Grasielle Camara Pimentel, que investigam o processo de inclusão de jovens periféricas da Grande Recife no mercado de inovação. Trata-se de uma reflexão sobre a experiência educativa realizada pelos(as) autores(as), baseada na folkcomunicação, que possibilitou a mediação para o acesso das mulheres a carreiras ligadas às tecnologias.

[1] Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/pt_BR/issue/view/975. Acesso em: 28 jun. 2026.

No campo da cultura popular, Janderson Oliveira, José Cláudio Alves de Oliveira, Leticia Ramalho Nascimento e Maria Érica de Oliveira Lima apresentam a participação das mulheres na festa do Senhor do Bonfim de Icó (CE), identificando o protagonismo feminino e as práticas socioculturais que preservam a memória da celebração. De Parintins/AM, Luana Vasconcelos Valente e Adelson da Costa Fernando abordam as práticas e os saberes das benzedeiras como manifestações folkcomunicacionais, desvendando – por meio de pesquisa etnográfica e entrevistas - aspectos como o ambiente, a audiência e a perspectiva de gênero presente nos rituais de cura.

Para encerrar o dossiê, Enaira Schoemberger e Paula Melani Rocha investigam o jornalismo feminista do portal *Catarinas* no tratamento do tema do aborto legal e observam como o Instagram funciona como espaço de comunicação popular que amplia a visibilidade de pautas historicamente marginalizadas e promove mobilização em torno dos direitos das mulheres.

Na seção de Artigos Gerais, a Revista traz dois artigos sobre fenômenos da cultura popular que são observados com base em pesquisas de campo. O texto de Anne Beatriz Souza Cascaes e José Ferreira Júnior analisa o Boi de Matraca de Panaquatira, localizado em São José de Ribamar (MA), como uma prática de resistência cultural, folkcomunicação e educação comunitária que constrói identidade e faz circular tradições. A pesquisa de Letícia Conceição Martins Cardoso e Thalia França Gonçalves, por sua vez, apresenta outra manifestação presente no Maranhão: o Tambor de Crioula de Mestre Felipe, prática cultural e religiosa de dança e canto que expressa saberes tradicionais da população negra, investigado sob a perspectiva da teoria das mediações de Martín-Barbero.

A RIF apresenta ainda uma entrevista com Jacky Spartan, mulher trans representante da subcultura Furry - baseada na criação de personagens animais com características antropomórficas. De autoria de Paola Champi e Paulo Pessôa Neto, a entrevista revela características da subcultura, processos identitários e de pertencimento a partir de um olhar ‘de dentro’ da comunidade.

Na seção de Ensaios Fotográficos, são publicadas imagens representativas de tradições culturais brasileiras. O autor Antônio Abreu registra o folguedo do Bumba Meu Boi maranhense em 12 fotos que revelam sua diversidade e dinamismo, com marcas do sagrado, do profano e das culturas afro e indígena que se misturam ao espetáculo turístico. A Folia de Reis em Sorocaba/SP recebe o olhar de Thífani Postali e Carlos Carvalho

Cavalheiro em 14 imagens que percorrem aspectos do catolicismo popular hibridizados com outras influências culturais no imaginário popular.

Por fim, a resenha de Wilton Paz sobre o livro “Exu: Um Deus Afro-atlântico no Brasil” (EDUSP, 2022), de autoria de Vagner Gonçalves da Silva, mostra a trajetória de pesquisa e a vivência religiosa do autor que conferem densidade ao trabalho, ao mesmo tempo em que aponta possíveis lacunas no que se refere às relações de gênero na simbologia da religiosidade afro.

A presente edição da RIF, ao demarcar as possibilidades de aproximação entre estudos de gênero e folkcomunicação, contribui para a ampliação de perspectivas e a descoberta de objetos que envolvem grupos marginalizados relativos a gênero, sexualidade e interseccionalidades. Além disso, traz ainda a força das manifestações da cultura popular como aspecto central nas análises folkcomunicacionais, abrindo espaço para refletir sobre as tradições e as transformações do tempo presente.

Boa leitura!

*Dra. Valquíria Michela John*

*Dra. Ana Maria da Conceição Veloso*

*Dra. Karina Janz Woitowicz*